

Editorial

Adalberto A. Goulart¹

Chegamos ao 6º volume da nossa Revista Multiverso, num mundo em guerra ou guerras, expondo a face mais sombria da alma humana. E o são com objetivos diversos em litígio: conquistas territoriais, econômicas, ideológicas, políticas, raciais, sexuais, intolerância ao diverso, ao diferente, pela necessidade primitiva em subjugar ou mesmo não reconhecer ou pior, de desobjetalizar.

Proseguimos, contudo, por tudo e apesar de tudo, com nossa criatividade humana e pacifista por natureza (como disse Freud em carta a Einstein) a estender as mãos a quem nos procura e a produzir conhecimento baseado em nossas experiências emocionais.

Nesta edição, Carolina Cavalcanti Henriques (Recife), através da exposição de um fragmento clínico, retoma o tema da melancolia, buscando proporcionar uma maior compreensão do sujeito contemporâneo, que se encontra aprisionado em um modelo de pulsão narcísica.

Danilo Gama Goulart (Aracaju) nos traz uma investigação sobre o desenvolvimento das funções que compõem o psiquismo, examinando a função-alfa, como modelo abstrato para a compreensão da apreensão psíquica de estímulos sensoriais e experiências emocionais.

Fábia Badotti Garcia Herrera (Curitiba) nos apresenta uma experiência de análise com um paciente em extremo sofrimento mental que, para salvaguardar sua sobrevivência psíquica, precisou se utilizar de recursos como a cisão, expressa através de um duplo de si mesmo, refugiando-se no narcisismo ameaçado pelas angústias de castração.

Em um trabalho de grande sensibilidade, Gisèle de Mattos Brito (Belo Horizonte) parte de uma experiência clínica inusitada e se propõe pensar

1. Médico psiquiatra e psicanalista, membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE), Presidente do Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA) e Editor da Revista Multiverso.

alguns conceitos presentes na obra de Bion como o sonhar, o ser e tornar-se a realidade.

Heribert Blass (Düsseldorf) coloca que o relacionamento inicial mãe-filho é essencial para o desenvolvimento emocional saudável. No entanto, desenvolve a tese de que as experiências e representações mentais tanto do pai inicial quanto do pai edípico também desempenham um papel muito importante para a criança e o adulto posterior, ao serem capazes de integrar a coexistência de familiaridade e estranheza em um relacionamento pessoalmente próximo.

José Jacinto Silva Santos (Recife) lança um olhar atento para o espaço escolar e sua contribuição ao desenvolvimento psíquico e social do indivíduo em sua mais tenra infância, com um vértice que amplia seu potencial de possibilidades de acolhimento e construção de vínculos. Pensa ser a psicanálise fora do divã um instrumento perceptivo da escuta de um eco inconsciente, que vem a corroborar com seus conceitos e entendimento das inquietações e estranhamentos entre indivíduos que compõem este espaço.

Ivanise Fontes (Rio de Janeiro) analisa o fenômeno da transferência em sua dimensão corporal, quando, através das memórias de sensações, os pacientes têm a oportunidade de reconstruir o caminho que vai do ego corporal ao ego psíquico, o que denomina como Psicanálise do Sensível.

Maria Cecília Pereira da Silva (São Paulo), ilustrando com várias vinhetas clínicas, compartilha o que denomina a sua família analítica, através de autores que tem favorecido a ampliação de sua escuta para que o encontro emocional entre paciente e analista aconteça. Mariano Horenstein (Cordoba) também ressalta que a dimensão mais psicanalítica da psicanálise será sempre a clínica, esse território impossível, constantemente em risco, de resistência, de subversão, de preciosa particularidade, que é o espaço de um sujeito deitado sobre um leito que fala do seu sofrimento, diante de uma escuta que tenta renunciar aos seus pressupostos, aos seus preconceitos, ao seu desejo de dominação, dando espaço a perguntas que não têm lugar em outro local.

Em um texto extremamente atual, Paolo Bucci (Roma) observa que a

relação analítica tem uma especificidade própria com características não objetificáveis e que, portanto, devemos buscar uma linguagem capaz de observar “como e o que fazemos”, direcionando nossa pesquisa para as “condições da experiência”.

A partir de sua experiência psicanalítica, estudos interdisciplinares da biologia sobre o trauma e evidências clínicas durante vinte anos de estudos, Sebastião Abrão Salim (Vila Velha) sugere uma hipótese biológica para o autismo, relacionada a uma experiência vivida ou testemunhada pela vítima no período fetal e perinatal com noção de morte e considera o *setting* psicanalítico como elemento básico para o tratamento da ansiedade de morte presente nesses casos.

Yonã Freire Ferreira (Lyon) analisa fragmentos da obra literária “A máquina de fazer espanhóis”, de Valter Hugo Mãe, destacando as memórias, experiências e afetos do narrador e personagem principal, para abordar aspectos dos lutos, da melancolia, do envelhecimento, das relações humanas e da morte.

Zelig Libermann (Porto Alegre) argumenta que as transformações sociais podem ser marcadas por progressos e benefícios e são acompanhadas da sensação de perda de referenciais relacionados à cultura e aos costumes. Assim, sugere que vivemos em um período de melancolia da Humanidade ligada à perda de ideais e que para fazer frente a este estado melancólico, a sociedade do desempenho poderia ser considerada uma espécie de quadro maníaco em que o ser humano imagina não haver limites para o progresso, como um triunfo do Ego sobre o Ideal de Ego.

Por fim, encerramos este volume com uma generosa Entrevista concedida por Paulo Marchon (Vitória), em que nos conta um pouco da sua trajetória de vida e do seu olhar sobre a história vivenciada em algumas memórias afetivas de extrema importância. Além da sua ampla e profunda experiência, Marchon nos brinda com o seu pensamento crítico e extremamente atual, com gratidão e esperança.

Assim, agradecemos a todos os colaboradores desta edição 2023 e desejamos uma excelente leitura!